

## A AIDS no Jornal: Análise da Cobertura da Imprensa Londrinense

### AIDS in the Newspaper: Analysis of the Coverage of the Press in Londrina

Karen Debértolis\*

\* Universidade de Campinas (UNICAMP).  
Universidade Norte do Paraná (UNOPAR)  
Universidade Estadual de Londrina (UEL).

#### Resumo

O presente artigo é resultado de um estudo desenvolvido na Universidade Norte do Paraná, que teve como objetivo analisar a cobertura da imprensa londrinense em relação ao tema aids. Foram levantadas e analisadas matérias, relativas ao tema, com ênfase regional em relação ao enfoque e às fontes, publicadas na Folha de Londrina e no Jornal de Londrina, em suas versões on line, entre os dias 1º de dezembro de 2004 (Dia Mundial de Luta Contra a aids) e o mês de abril de 2005. O estudo, apresentado como projeto do curso de Jornalismo, embasou-se em autores que discutem a mídia como um meio poderoso de criação e representação simbólica, tendo papel fundamental na construção da sociedade. Neste contexto, a pesquisa concluiu que a aids, através dos periódicos analisados, é notícia apenas em momentos pontuais: quando surgem fatos relacionados a ela, na data comemorativa da luta contra a doença (1º de dezembro) e no carnaval, sendo que a maioria das matérias é de cunho informativo e grande parte das fontes são as biomédicas e as ONGs, sendo praticamente inexistente o soropositivo ou seus familiares como fonte de informação ou busca de ponto de vista.

**Palavras-chave:** Imprensa. Mídia. Jornalismo on line. AIDS.

#### Abstract

*This article is about a study developed at the North of Paraná University (UNOPAR), which aimed at the analysis of the coverage of AIDS by the press in Londrina. Local articles about AIDS published on the online version of Folha de Londrina and Jornal de Londrina from December 1<sup>st</sup>, 2004 to April 2005 were surveyed and their focuses and sources were analyzed. This study, presented as a project of the Journalism Graduation Course, was based on authors who discuss the media as a powerful means of creation and symbolic representation, and as having an important role in society. In this context, the research found out that, through the newspapers analyzed, AIDS is seen as a piece of news only when there are new facts about the topic or on special dates like December 1<sup>st</sup> or Carnival. Most of the analyzed articles are informative, and most sources are the medical field and the NGOs, whereas the HIV- positive or their relatives are hardly present in the articles as a source of information or different points of view about AIDS.*

**Keywords:** Press. Media. Online Journalism. AIDS.

## 1 Introdução

A AIDS, um dos importantes temas da contemporaneidade, tem se tornado um dos principais objetos de pesquisa, nas mais diversas áreas do conhecimento, devido às implicações culturais e sociais que envolvem esta questão.

A mídia, em nossos dias, constitui-se como o mais poderoso instrumento de construção de conceitos e de criação de valores e sentidos humanos, configurando-se como moldura de performances sociais.

Neste sentido, o presente estudo parte de uma revisão de literatura que tem como base, autores que discutem a comunicação na mídia impressa, a qual é foco desta pesquisa, e que analisam a investigação social em relação à problemática da AIDS.

Tendo como base estas reflexões, apresenta-se o estudo de cunho analítico-exploratório, resultado de um projeto de pesquisa intitulado "A AIDS no jornal-análise da cobertura da imprensa londrinense", vinculado ao curso de Jornalismo da Universidade Norte do Paraná, cujo objetivo foi investigar a cobertura dos jornais locais no que diz respeito às questões que permeiam o tema aids.<sup>1</sup>

Dentro deste contexto, o estudo buscou levantar: a periodicidade das matérias relacionadas ao tema, no intuito de conhecer os motivos que levam os periódicos a produzir matérias afins; os enfoques dados às matérias sejam informativas (notícias) ou interpretativas (reportagens); e as fontes utilizadas para a coleta de dados.

Para isto, foram realizados levantamento e análise da cobertura da imprensa, especificamente, dos jornais

<sup>1</sup> Participaram da pesquisa, da sistematização de resultados e contribuíram para a produção do artigo os alunos de iniciação científica, que já se graduaram no curso de Jornalismo da Unopar, Fábio Radigonda Serrato, Joice Bender Raio e Ana Paula Castilho.

Folha de Londrina e Jornal de Londrina, no período de dezembro de 2004 a abril de 2005. A partir deste material, foram entrevistados os autores das matérias analisadas e os editores dos veículos.

## 2 Revisão de Literatura

Refletir sobre a abordagem da imprensa em relação ao assunto é importante, pois a mídia tem papel fundamental na construção da nossa realidade. É por meio do discurso midiático, que as “histórias” da sociedade e também o que se torna real para nós é construído. Os meios de comunicação contribuem para a construção de representações simbólicas acerca da doença e dos portadores do HIV. Neste sentido, Spink et al. (2001, p. 853-854) ponderam que:

Em linhas gerais, percebe-se que, na sociedade contemporânea, a mídia assumiu um papel fundamental nos processos de produção de sentidos, introduzindo transformações substantivas nas práticas discursivas cotidianas. A mídia constitui um meio poderoso de criar e fazer circular repertórios, e tem o poder de criar espaços de interação, propiciando novas configurações aos esforços de produção de sentido.

O espaço fluído – sem fronteiras espaciais e temporais – propiciado pela mídia permite-nos reconceituar a divisão estabelecida na modernidade clássica entre público e privado, impondo uma reflexão inevitável sobre as dimensões éticas dos modernos processos de informação e comunicação. A dimensão simbólica – um constante jogo entre signos e sentidos – compreende (re)construção, *armazenamento*, reprodução e circulação de produtos repletos de sentidos, tanto para quem os produziu (os media) como para os que consome (leitores, espectadores, telespectadores etc.). A mídia compreende também uma dimensão contextual – temporal e espacial, na medida em que esses produtos são fenômenos sociais, situados em contextos, que têm aspectos técnicos e comunicativos e propriedades estruturadas e estruturantes.

Esta reflexão pode ser corroborada com a afirmação do professor de Comunicação Social da UNISINOS, Antonio Fausto Neto, quando afirma que a comunicação não é, somente, um campo de repasse de conteúdos, mas ela também se converte em dispositivo de produção de realidade e de conhecimento (FAUSTO NETO, 1991, p. 14).

Segundo Traquina, (2001) a AIDS é elevada a status de notícia na imprensa sempre orientada pelo fator acontecimento, sendo que pautas sobre a doença “são raramente iniciadas por jornalistas. Ainda na opinião autor, a cobertura da imprensa é muito mais reativa – o assunto entra em pauta devido a um acontecimento relacionado ao tema aids ou a um dado fornecido sobre a doença pelas fontes oficiais.

O autor, que analisou a abordagem da aids pela imprensa portuguesa, de 1981 a 1991, destaca que há cinco ciclos quando se fala em cobertura jornalística da doença. Partindo de uma classificação inicial dos autores americanos Everett Rogers, James Dearing e S. Chang, o autor português identifica as “eras” como científica, em que se sobressaem as fontes biomédicas nas notícias sobre a doença; invisível, a qual considera o momento inicial

das notícias sobre a aids; fantasma, que se caracteriza pelo “tom de medo” nas notícias veiculadas; política, na qual os “agentes políticos”, especialmente os governos, são as fontes mais presentes nas matérias; e rotina, em que a aids é enquadrada de duas formas: primeiro, como acontecimento noticioso em desenvolvimento com destaque para as investigações científicas e, segundo, como acontecimento noticioso em continuação por meio da publicação de estatísticas mensais ou trimestrais sobre a doença.

Na pesquisa, Traquina (2001) analisa a cobertura ancorando-se em uma categorização que inclui desde as fontes mais ouvidas até o enfoque das matérias e a que gêneros jornalísticos os textos publicados pertencem. De acordo com essas análises, as fontes oficiais (definidas pelo autor como aquelas ligadas ao Estado, agências governamentais, Organização Mundial de Saúde e biomédicos) são as mais recorrentes nas matérias jornalísticas.

Traquina (2001, p.164) também aponta que a cobertura jornalística sobre o tema privilegia os números em detrimento das pessoas. Segundo ele, as pessoas mais ausentes nesta cobertura são justamente as mais visadas pelo “fantasma: as pessoas que vivem com AIDS”. O autor coloca que: este estudo sugere claramente que as notícias sobre a aids deixam de mencionar a possível existência de uma outra dimensão desta problemática complexa - a ‘estória’ de um número inefável de pessoas que vivem com o vírus.

Neste contexto, Fausto Neto (1999) analisa, em “Mortes em derrapagens: os casos Corona e Cazuza no discurso da comunicação de massa”, justamente o tratamento dispensado pela mídia aos soropositivos. O autor trabalha com dois casos que se tornaram referência quando o assunto é a cobertura da imprensa brasileira sobre a aids.

No caso de Lauro Corona, Fausto Neto (1999) centra-se no fato de que a imprensa brasileira, especialmente as revistas, depararam-se, ao longo da cobertura da doença e posterior falecimento do ator, com a negativa da família em relação à doença do artista. Sobre o cantor Cazuza, o ponto de análise centra-se, especialmente, na edição da revista *Veja* de 24 de abril de 1989, que estampava, na capa, a imagem de Cazuza, debilitado pela doença, acompanhada da manchete “Cazuza uma vítima da AIDS agoniza em praça pública”.

Fausto Neto (1999, p. 121) assinala que:

Diferentemente da situação do ator Lauro Corona, guardado pela família e, em seguida, nos hospitais onde termina a sua vida – cuja doença é negada sistematicamente por um conjunto de fontes (família, meios de comunicação de massa, amigos e o círculo médico) – a doença/morte de Cazuza é inserida no circuito (social e cultural) através de um cerimonial público, cujos principais orquestradores foram o próprio compositor e a comunicação de massa, com ênfase na imprensa especializada.

Em sua pesquisa, o autor citado acima, enfatiza também a questão da morte, que segundo ele, deriva de um de estigma sócio-cultural. O autor utiliza-se do

conceito de “olimpianos”, personalidades de destaque na sociedade e alvos da imprensa de “bastidores” para refletir sobre a complexa relação entre morte, celebrações e mídia que ele busca entender, ponderando que:.

Falar da morte é uma questão problemática, ainda que a ‘mídia’ insinue e fale dela todos os dias, através dos registros os mais diversificados, mais complicada parece ser quando a morte envolve não as pessoas anônimas, mas os “olimpianos”, produtos da cultura industrial, cujos pensamentos, sentimentos, alma e seu próprio corpo, não mais lhes pertencem, porque convertem-se nos objetos que dão forma ao discurso como mercadoria e à construção e funcionamento dos processos identificatórios da psique humana e de semantização da vida social (FAUSTO NETO, p. 158).

A discussão sobre a relação entre aids e mídia também figura no temário das Organizações Não Governamentais que trabalham com a doença no Brasil. Buscando auxiliar as ONGs-Aids que atuam no país a criar estratégias de comunicação com a imprensa e orientar sobre o trabalho da assessoria de imprensa, a organização carioca Pela Vida editou um guia voltado para o setor. No texto de apresentação, ressalta que a aids foi a questão relacionada à saúde que obteve maior cobertura dos órgãos de comunicação nas últimas duas décadas. Somente o jornal Folha de São Paulo, no período de 1988 a 1996, registrou cerca de 1500 matérias, por ano, referentes à doença, sendo que, segundo a organização:

Este período de maciça cobertura da imprensa, encontra justificativa no fato de que a Aids é uma epidemia contemporânea, que põe em questão alguns pontos chaves do tempo em que vivemos: sexualidade, moralidade, grupos minoritários, saúde pública, morte, inserindo estes pontos numa esfera de discussão global

A Organização Não Governamental Pela Vida, apela também, a outras entidades para que estas atuem como fonte ativa para os veículos da imprensa. A orientação assinala que as ONGs “devem explorar suas fortalezas e experiências, fazendo destas o diferencial em favor das suas sugestões de pauta” (GUIA AIDS E IMPRENSA, 2001, p.6).

A preocupação, em relação à imprensa, é buscar uma cobertura isenta de preconceitos e que se embasa na utilização de termos que não conflitem com os propósitos voltados à prevenção da doença e ao respeito aos soropositivos. Esta questão, presente em inúmeras pesquisas, é comentada por Spink et al (2001) formal ou informalmente, mecanismo de contenção ou moralização vêm sendo continuamente desenvolvidos. Esses esforços ficam patentes na orientação fornecida aos jornalistas por organismos governamentais e não governamentais, recomendando atenção ao uso de termos com conotações discriminatórias ou preconceituosas.

## 2 Materiais e Métodos

O *corpus* analisado ao longo desta pesquisa refere-se às matérias publicadas nas edições on line dos jornais locais diários, Folha de Londrina e Jornal de Londrina no período, que compreende as duas semanas anteriores ao dia 1º de dezembro, denominado Dia Mundial de Luta Contra a AIDS, de 2004 até o final do mês de abril de 2005. A escolha do formato on line se deve ao fato de que este meio de comunicação é cada vez mais utilizado tanto pelos leitores e também por razões de viabilidade financeira do projeto.

Inicialmente, foi realizado um levantamento das notícias sobre AIDS publicadas no período determinado e foram selecionadas as matérias nas quais se destacavam fontes que se circunscrevessem a Londrina e região. Na seqüência, realizou-se uma análise qualitativa, a partir do estabelecimento de determinadas categorias jornalísticas, tendo como enfoque: assunto, fontes<sup>2</sup>, título, linha fina<sup>3</sup>, foto, legenda de foto, data de publicação e o fato da matéria ser ou não repercussão de um assunto nacional. Em seguida, foi realizada a análise comparativa destacando-se, inclusive, frases dos textos das matérias que pudessem denotar, por exemplo, preconceito ou discriminação.

Na seqüência, entrevistaram-se repórteres e editores que tiveram participação na produção das matérias analisadas, abordando questões como: critérios de seleção das pautas sobre o tema, as dificuldades dos repórteres na cobertura do assunto e a relação com as fontes.

Foram analisadas quinze matérias selecionadas, sendo onze da Folha de Londrina e quatro do Jornal de Londrina, incluindo uma nota. É importante observar que, na Folha de Londrina, foram publicadas outras matérias sobre AIDS, as quais não foram analisadas, pois o enfoque e as fontes não se referiam à região de Londrina. Do Jornal de Londrina, todas atendiam aos critérios de abordagem regional.

## 3 Resultados e Discussão

### 3.1 Análise das matérias publicadas no Jornal Folha de Londrina

Nos dias 01 de dezembro de 2004 (Dia Mundial da Luta Contra a AIDS) e no dia seguinte, verificou-se maior número de matérias sobre a AIDS na versão on line da Folha de Londrina. Foram três matérias em cada dia, o que corresponde a 54,4% das notícias veiculadas. No mês de março, não foi publicada nenhuma matéria que se enquadrasse nas categorias de análise.

Os títulos foram separados entre os que possuem ou não caráter informativo. Os primeiros seguem a estrutura padrão de sujeito mais verbo mais predicado e voz ativa. Representam oito matérias ou 72,7% e foram divididos em três subcategorias. A primeira delas foi denominada indicativa. Nos três casos que assim podem ser classificados os títulos referem-se a um acontecimento/factu-

<sup>2</sup> O conceito de fontes no jornalismo refere-se aos entrevistados.

<sup>3</sup> Linha fina é um elemento da matéria jornalística, frase colocada abaixo do título das matérias, a fim de complementar informações do título.

alidade (*“Alia recebe honraria do Ministério da Saúde”, “Ong cobra hospital-dia para soropositivos” e “Idosos vão receber preservativos no carnaval”*). Já a segunda subcategoria é a declarativa, da qual constam dois exemplos (*“Saúde admite que número de casos pode ser maior” e “Médico londrinense diz que teoria é ultrapassada”*). Estes títulos fazem referência às declarações das fontes. A terceira e última subdivisão foi denominada interpretativa, pois, apesar dos títulos estarem na ordem direta e na voz ativa, denotam a interpretação do jornalista. São três os casos: *“Grupo de teatro leva informações a jovens”, “Presos ajudam no combate às DSTs” e “UBS alerta para importância do exame de Aids”*. Nota-se que nenhuma das interpretações prejudica ou dá caráter preconceituoso à informação.

Em relação aos títulos considerados não informativos (27,3% ou três matérias), tem-se: *“EPIDEMIA – Aids: realidade no meio rural”, “20 anos de Aids em Londrina” e “Um caso que atesta a incompetência de todos”*. No primeiro exemplo, o título possui o caráter de advertência/alerta. A construção utilizada – a palavra “epidemia” em caixa alta, separada da palavra “Aids” por hífen, o uso de dois pontos e a informação em si – reporta à idéia de que todas as pessoas da zona rural ou grande parte delas possui a doença. O título seguinte pode ser considerado avaliativo, já que faz referência a uma avaliação/diagnóstico sobre a história da epidemia na cidade. Não há deslocamento de sentido nem desqualificação do tema.

O terceiro e último exemplo foi classificado como opinativo, sendo que, ao não usar aspas ou citar referência, o repórter assume para si uma idéia defendida pela fonte. Ao ler a matéria, nota-se o caráter pejorativo da informação quando utilizada no título, pois é possível constatar que a “incompetência de todos” deve-se ao fato do resultado do exame de HIV de uma garota ser positivo e ela ter sido tratada como alguém que já tivesse sido condenada.

Apenas três matérias possuem linha fina. No exemplo, *“Notificações na comunidade rural aumentam, mas a principal forma de prevenção, o uso do preservativo, ainda é visto com reservas”*, a linha fina contém a informação principal da matéria (que não está no título *“EPIDEMIA – Aids: realidade no meio rural”*). Porém, a conjunção, mas passa a idéia de que “mesmo com o aumento do número de casos de AIDS, a população rural não usa preservativo”, quando, por meio da leitura do texto, nota-se que o significado correto seria “o aumento das notificações se deve ao fato de o preservativo ser visto com reservas”. Portanto, há deslocamento de sentido. Os outros dois exemplos (*“Internos da PEL dobraram e embalaram 50 mil camisinhas” e “Grupo, que reúne especialistas de vários países, defende que a síndrome não é causada pelo vírus HIV”*) estão de acordo com os padrões informativos e éticos do jornalismo.

As matérias, na maioria, ou seja, sete delas tratam de

assuntos factuais. Como exemplo, pode-se citar a ação de funcionários de uma Unidade Básica de Saúde para chamar a atenção sobre a importância do exame de AIDS, a qual serviu de pauta para uma das notícias veiculadas. Os assuntos não factuais correspondem a quatro matérias. Um desses textos faz uma avaliação/diagnóstico dos casos de AIDS na cidade e traz informações sobre os trabalhos voltados à prevenção e ao tratamento da doença em Londrina.

Nota-se que os assuntos “frios”<sup>4</sup> predominam no período do Dia Internacional de Luta Contra a AIDS. Fora desse período, há um único assunto não factual, que repercute localmente: um tema de âmbito nacional referindo-se à afirmação do grupo Aids Dissidente, de que o vírus HIV não é o causador da doença.

Os enfoques sob os quais os assuntos são tratados, na maioria das vezes, são “jornalisticamente corretos”<sup>5</sup>. Dez deles não apresentam problemas quanto à discriminação, falta de interesse público ou parcialidade. O aumento do número de casos de AIDS entre as pessoas acima de 60 anos e a dificuldade dos jovens em falar sobre sexualidade podem exemplificar a afirmação. Apenas um enfoque demonstra discriminação e preconceito explícitos, pois destaca o fato de uma garota com AIDS servir como prova da incompetência do poder público e da sociedade.

As fontes que predominam são as públicas/oficiais, maioria da área biomédica, e as independentes, ligadas a ONGs. Ambas aparecem em oito matérias. A maioria delas também pode ser classificada como “experts” na temática AIDS. Há, ainda, duas matérias em que aparecem somente fontes públicas. Em nenhuma matéria há a presença de soropositivos ou de pessoas que convivem, mais diretamente, com eles, como parentes ou amigos.

Cinco matérias apresentam afirmações que colocam em xeque a imparcialidade e/ou relevância do texto jornalístico, pois denotam preconceito ou, por algum outro motivo, destacam-se negativamente. Em uma matéria aparecem informações sem justificativa ou contextualização: *“Cristina lembrou que o aumento da expectativa de vida e a melhoria da qualidade de vida na terceira idade contribuíram para que os idosos contraissem mais estas doenças [doenças sexualmente transmissíveis]”*. Apesar de a afirmação ser de uma das fontes, não há, no texto, em nenhum momento, uma possível explicação para o fato.

Em uma outra matéria, há uma colocação avaliativa: *“Mas essa realidade, segundo ele, deverá mudar a partir de janeiro de 2005”*. Da forma como a frase foi construída, há um tom de prenúncio, com data marcada, para uma melhora da realidade da zona rural em relação à AIDS. Já em uma terceira matéria, destaca-se o trecho “A questão é preocupante porque cada vez mais o meio rural estreita seus vínculos com o meio urbano.” [...] “É bom lembrar também que essas transformações, embora provoquem

<sup>1</sup> Consideram-se assuntos “frios” no jornalismo aqueles que não são factuais, ou seja, aqueles assuntos que fazem parte das discussões da sociedade e podem ser retomados mesmo sem ocorrer um fato novo.

<sup>2</sup> De acordo com o Manual de Redação da Folha de S. Paulo este termo refere-se à “investigação dos fatos e a produção de quaisquer informações devem ter compromisso com a verdade e com a crítica, mas nunca devem produzir julgamentos ou opiniões pessoais.” (Manual de redação – Folha de S. Paulo, 2001)

mudanças de comportamento, ainda não conseguiram vencer barreiras culturais importantes, como a resistência do homem do campo em usar preservativo nas relações sexuais”. Neste caso, a falta de justificativa ou argumentos provém de afirmação do próprio repórter. Aliado ao tom moralista do termo “*É bom lembrar também*”, o texto adquire caráter opinativo, não informativo.

“*Os soropositivos internados no HU estavam lá não por causa [da] Aids, mas sim pelas doenças oportunistas, como pneumonia*”. Esta frase, de autoria do repórter, demonstra, talvez, um desencontro de informação, já que a principal consequência física da AIDS é baixar a imunidade e propiciar o aparecimento de doenças oportunistas.

No lead<sup>6</sup> “*uma boneca suja e uma chupeta na mão. Desta forma, a jovem teve o primeiro contato com a promotora Édina Maria Silva de Paula. Anos depois, após diversas tentativas de resgatar a garota, a notícia da contaminação com o vírus da AIDS. Para a promotora, o caso é o atestado de incompetência do poder público e da sociedade*”, retirado de outra matéria, tem-se, talvez, uma construção sensacionalista, que ficaria evidente logo na primeira frase. As informações poderiam ser redigidas de forma neutra, principalmente quando se tem referência ao histórico da notícia, muitas vezes marcado por analogias pejorativas. Mesmo não sendo esta a intenção do parágrafo citado, tal maneira de chamar a atenção do leitor estaria correta em se tratando de um outro assunto, o qual não tivesse tantas “raízes” de discriminação. Na mesma matéria, o trecho “*Édina afirmou [para a garota] que só teria ajuda se voltasse para a casa abrigo. O pedido, pelo menos por enquanto, estava sendo atendido*”, denota opinião e, talvez, até certa ironia, dependendo da interpretação subjetiva, com o uso do termo “*pelo menos por enquanto*”.

Seis matérias (ou 54,5%) possuem foto e respectivas legendas. Há, ainda, uma outra matéria com infográfico, no qual aparece o número de casos de AIDS na zona rural de Londrina entre 1992 e 2004. De forma geral, as cinco fotos e legendas e o infográfico passam corretamente as informações.

Apenas uma foto e legenda apresentam problemas. A foto mostra uma estrada com paisagem rural ao redor, enquanto, na legenda, lê-se “*Cada vez mais o meio rural estreita vínculos com a zona urbana, encurtando caminho para o trânsito do vírus HIV*”. Os termos utilizados “caminho” e “trânsito” e a foto de uma estrada criam uma relação metafórica. Relação que deve ser vista com cuidado, mais uma vez devido às metáforas pejorativas utilizadas no início da cobertura da AIDS no Brasil e no mundo, quando as notícias sobre a doença eram associadas a fotos de travestis, por exemplo.

### 3.1.1 O ponto de vista de repórteres e editores

Das onze matérias da Folha de Londrina analisadas, mais da metade, ou seja, seis foram assinadas pelo mesmo repórter<sup>7</sup>. Nas demais, revezaram-se outros jornalistas. De maneira geral, o autor da maioria das matérias, que foi entrevistado para este projeto, considera “razoável” a cobertura da imprensa sobre a AIDS. Para ele, as matérias servem mais para alarmar do que para informar. O jornalista disse que, na Folha de Londrina,

existe a tentativa de cobrir o assunto com um enfoque diferenciado (cita como exemplo a matéria “*EPIDEMIA – Aids: realidade no meio rural*”), justamente para sair do alarmismo. Mesmo assim, afirmou que o jornal acaba publicando matérias com essa característica.

Segundo o jornalista, o predomínio de fontes oficiais deve-se à resistência dos soropositivos em falar, mesmo com a utilização de nome fictício e a não publicação de foto. Ele declarou, também, que, em cidades do interior, como Londrina, essa resistência é ainda maior. Outra dificuldade apontada é o prazo apertado para produção das matérias, fato que dificulta, muitas vezes, a busca de personagens disponíveis. Ele considera que, nas matérias especiais, há presença de outras fontes, pois existe mais tempo para a produção. O repórter afirmou que dá sugestões e discute as pautas sobre AIDS, ponderando que:

De repente, uma pauta que era simplesmente para ver se o número de casos da doença diminuiu ou aumentou na cidade muda para outra coisa de acordo com as primeiras entrevistas. Foi mais ou menos isso o que aconteceu com as matérias que eu fiz (Repórter 1, 2005)

O repórter afirma que acompanha a temática aids um pouco mais atentamente, pois é, geralmente, ele quem escreve sobre o assunto na Folha. Relatou ainda que, como a aids é um tema que envolve sexualidade e, por consequência, tabus, às vezes, pode-se perceber, um pouco mais, o ponto de vista pessoal do repórter, mas isso não compromete a matéria.

Para o repórter, geralmente, a relação com as ONGs/AIDS é boa, mas aquelas que têm maior vínculo com o Estado apresentam “resistência principalmente em fazer denúncias de falta de medicamentos.” Para o jornalista, as ONGs, não divulgam o trabalho que realizam estão restritas ao público com o qual trabalham e à família desse público e “não fazem muita questão de facilitar o meio campo entre paciente e repórter”.

Luciano afirma que nunca recebeu reclamações sobre suas matérias. “É claro que quando sai uma matéria negativa, vamos dizer, de alguma secretaria, ou quando falta medicamento e a gente solta matéria, é óbvio que não gostam”. Fica evidente a percepção do repórter sobre algumas deficiências em relação à cobertura da aids, cuja intenção é a de que as publicações sobre o tema sejam de qualidade. Conforme o próprio jornalista afirmou, nas matérias especiais há mais tempo para a produção da pautas, sendo que o prazo apertado, neste caso, não seria justificativa para a falta da humanização do texto.

As matérias da Folha de Londrina analisadas foram publicadas nas editorias de Cidades e Geral. Por isso, também foram entrevistados os editores de ambas, à época. Para preservar a identidade nos remeteremos a eles como editor 1 e editor 2. A editora1 também era editora de Saúde durante o período pesquisado. Os dois falaram que pautas sobre aids são relevantes devido à importância do tema, especialmente, quando há novas informações sobre casos, números e tratamentos.

Ambos reconheceram o predomínio de assuntos factuais. A editora 1 afirmou que, pelo fato da editoria Geral ser composta por duas páginas e abordar assuntos

variados, a aids é notícia quando as autoridades divulgam números, levantamentos ou em datas específicas. “A gente acaba ficando refém desses levantamentos”. (Editora 1, 2005). Já o Editor 2, declarou que “o tema se esgota por si mesmo, já que as campanhas a respeito da aids estão diariamente na TV” (Editor 2, 2005) Os dois editores também declararam que, sempre que possível, é interessante repercutir notícias nacionais.

Segundo os editores, não há repórteres específicos para fazer essas matérias. Em relação à editoria Geral, a Editora 1 declarou que existe um profissional que cobre uma coluna de saúde, com assuntos variados. Já o Editor 2 afirmou que, para Cidades, alguns repórteres são mais familiarizados com o assunto. Ele não presenciou dificuldades específicas dos repórteres para cobrirem pautas relacionadas à aids. Relatou que o jornalista sente-se entusiasmado pelo fato de uma questão de saúde pública ter grande chance de render uma boa matéria.

Em relação à falta de personagens nas matérias, o Editor 2 disse que “faz parte da obrigação do jornalista ouvir todos os lados” (Editor 2, 2005). Porém, afirmou que, às vezes, isso não ocorre por falta de tempo “e fundamental ouvir as pessoas doentes, com o cuidado de não expô-las a uma situação de preconceito da sociedade”. (Editor 2, 2005) A possibilidade de anonimato da fonte também é citada pela Editora 1.

Ela afirmou desconhecer materiais específicos que tratam da relação ONG e imprensa. “A gente não teve acesso a isso e não houve a procura de nenhuma ONG para essa troca de informação”. (Editora 1, 2005) Em relação ao contato com as entidades, afirma que não existe dificuldade, mas considera que há pouca divulgação do trabalho desenvolvido.

Ambos editores afirmaram, também, que existe preocupação com a terminologia usada, para não denotar preconceito, mas não só nas questões relacionadas à aids. O Editor 2 foi questionado sobre alguns elementos das matérias analisadas, os quais forma considerados pejorativos. Em relação à matéria com o título “*EDPIDEMIA – Aids: realidade no meio rural*”, ele explicou que a palavra “EPIDEMIA”, no jornal impresso, apareceu como chapéu<sup>8</sup>, e não no título, como no caso da versão on line. Portanto, o título seria: “*Aids: realidade no meio rural*”. Porém, o projeto de pesquisa pauta-se pela análise da versão on line.

O Editor 2 deu explicações também, sobre o título “*Um caso que atesta a incompetência de todos*”. “Você pode usar a opinião de alguém como a opinião do jornal se a opinião é válida” (Editor 2, 2005). Ele disse, ainda, que, em primeiro lugar, o título tem que chamar atenção. “Lógico que você não vai dizer uma inverdade no título, aí é sensacionalismo” (Editor 2, 2005).

Em relação ao trecho de matéria destacado: “*Édina afirmou [para a garota] que só teria ajuda se voltasse para a casa abrigo. O pedido, pelo menos por enquanto, estava sendo atendido*”, ele assinala que o termo em destaque é uma questão de estilo. “Talvez tenha sido mal colocado, ou pode dar a impressão de que a gente está torcendo por ela. Isso é subjetivo” (Editor 2, 2005).

Completo dizendo que, no contexto, percebe-se que eles estão torcendo pela garota, pois

Não dá para deixar de dizer que um jornal diário é muito sujeito à falha, até atitudes preconceituosas, às vezes, por falta de revisão, por falta de tempo para analisar melhor uma questão tão séria quanto a aids. A gente comete deslizes, mas há sempre a possibilidade de corrigir isso, fazendo uma outra matéria ou dando uma errata. (Editor 2, 2005)

### 3.2 Análise das matérias publicadas no Jornal de Londrina

As matérias disponibilizadas na versão on line do Jornal de Londrina estão concentradas em fevereiro. Três delas foram publicadas no mês em que é comemorado o Carnaval e uma outra notícia foi publicada no Dia Mundial de Luta Contra a AIDS.

A partir de 28 de fevereiro de 2004 até o mês de abril de 2005, não há matérias sobre o tema.

Todas as matérias possuem títulos classificados como de caráter informativo. Eles podem ser classificados como indicativos, ou seja, referem-se a um acontecimento, como nos exemplos “*Saúde distribui 80 mil camisinhas*” e “*Entrega de remédios é fracionada*”. Não há nenhum título interpretativo e as quatro notícias analisadas possuem linha fina.

Os assuntos que predominam são factuais e aparecem nas três matérias que foram publicadas em fevereiro. A única matéria fria foi veiculada no dia 1º de dezembro. Apenas a matéria que se referia ao fracionamento na distribuição de remédio para os doentes de aids repercutia um assunto nacional.

Os enfoques, a partir dos quais os assuntos são tratados, não apresentam problemas quanto à discriminação, falta de interesse público ou parcialidade.

O Jornal de Londrina utiliza-se, na maioria dos casos, de fontes públicas/oficiais, todas da área biomédica, porém, em alguns episódios, a fonte principal das notícias é de caráter independente, ou seja, integrantes de ONGs.

Os entrevistados das quatro matérias pertencem às mesmas instituições. Outra observação é de que todas as fontes são “experts” na temática AIDS. Importante observar que nenhuma matéria utilizou soropositivos ou parentes de quem convive com a doença como fontes. Nenhuma matéria analisada possui foto. Também não foi constatado o uso de linguagem que apontasse discriminação contra portadores da doença.

A nota encontrada segue o mesmo padrão das notícias: título de caráter informativo (“*Campanha estimula os testes de HIV*”), assunto factual (uma campanha realizada pela Unidade Básica de Saúde Chefe Newton/Parati) e enfoque preventivo no mês do carnaval.

Por tratar-se de uma nota, não há linha fina, fontes, foto e legenda de foto. Também não há frases de caráter pejorativo.

<sup>8</sup> Chapéu – palavra que se localiza acima do título como forma de identificar ao leitor mais especificamente sobre o tema da matéria.

### 3.2.1 O ponto de vista dos repórteres e do editor

No Jornal de Londrina, não houve predominância de um repórter na autoria das matérias sobre aids. As quatro notícias foram assinadas por diferentes jornalistas. Durante a pesquisa optou-se por entrevistar especificamente uma jornalista<sup>9</sup> indicada pela editora do jornal, pois esta produz a maioria das pautas relacionadas à temática de saúde. Ela afirmou que o jornalista tem que tentar deixar de lado as crenças e valores pessoais na hora de fazer uma matéria, principalmente sobre a temática aids, pois, para a sociedade, esta é uma doença não só física, mas, também, moral.

Para a repórter do Jornal de Londrina, as redações enxutas impedem que os jornalistas especializem-se em determinado tema. A escassez de profissionais nas redações é um dos motivos das pautas sobre a doença serem factuais, pois segundo ela:

Infelizmente, a gente só acaba dando notícias sobre a AIDS em momentos de eventos mesmo. [...] Se você for pensar na temática AIDS não é interessante você jogar só um dado de uma entidade, é interessante, principalmente, você colocar personagens, colocar vida. Muda todo o contexto do fato, mas no dia a dia isso é muito complicado (Repórter 2, 2005).

Por outro lado, ela também critica, dizendo que muitos jornalistas se acomodam “Têm preguiça de sair, de entrevistar pessoas, personagens, que é a principal razão da matéria, não só colocar fatos frios. Acredito que às vezes falta buscar informações novas sobre determinado assunto” (Repórter 2, 2005).

Segundo a repórter, na matéria que fez sobre o tema no 1º de dezembro, havia um personagem que, na edição on line, foi omitido. “Na edição da internet o ideal seria condensar o texto impresso, reduzi-lo e colocar todas as fontes, os personagens, todos que foram ouvidos. Só que como a gente não tem uma pessoa que possa fazer isto, joga-se só um texto” (Repórter 2, 2005).

A repórter afirmou que, no caso de “assuntos delicados”, como pessoas vivendo com aids, os entrevistados têm receio em relação à maneira como as suas declarações serão publicadas. Nesses casos, ela afirma que se deve demonstrar às fontes que os dados fornecidos serão tratados com seriedade. Segundo ela, “é uma responsabilidade muito grande porque depois essa pessoa vai se ver espelhada no jornal e você tem que se atentar para o jeito que você a espelhou” (Repórter 2, 2005).

Na opinião da jornalista, a relação entre ONGs e mídia sempre foi de parceria. “Elas têm uma informação que enriquece o trabalho do jornalista e, ao mesmo tempo, necessitam de divulgação. Aqui em Londrina, que eu saiba, a nossa relação nunca teve problema” (Repórter 2, 2005).

O editor-chefe do Jornal de Londrina à época da pesquisa, também escreveu uma das matérias analisadas pelo presente estudo. Para ele, a aids é motivo de pauta não só no dia a dia, mas, também, nas matérias mais aprofundadas de domingo, por exemplo. Porém, quando questionado sobre a periodicidade das notícias sobre o

assunto, ele disse que a aids já ganhou mais destaque. “Hoje o tema está em pauta quando há alguma data comemorativa ou divulgação de algum número. Isso ocorre, talvez, pelo fato de o coquetel ter trazido sobrevida maior aos pacientes e haver menos óbitos”. (Editor 3, 2005).

Ele considera não haver dificuldade, na cobertura, por parte dos repórteres. Segundo ele, existem jornalistas que possuem mais afinidade com o tema. O então editor-chefe do Jornal de Londrina, afirmou que não havia constatado a predominância de fontes biomédicas nas matérias sobre a doença. “Diretamente não vamos buscar pacientes, mas entramos em contato com ONGs. Talvez a gente precise ver esse outro lado nas matérias”. (Editor 3, 2005).

Na matéria que ele mesmo assinou, o editor-chefe admitiu que teve dificuldades no relacionamento com a entidade que era fonte, sendo que “até houve um certo mal estar, porque eles queriam que eu oficializasse minha entrevista. Eu disse que nunca havia feito isso e que não iria fazer e optei por ouvir uma outra instituição” (Editor 3, 2005).

O jornalista afirmou desconhecer algum material que oriente a relação entre jornalistas e ONGs. Em relação às fontes, ele afirmou que elas têm “um contato franco e direto com o repórter, para se colocarem contra um suposto direcionamento que elas não querem que acham preconceituoso” (Editor 3, 2005).

Sobre a terminologia utilizada, o jornalista afirma que é preciso cuidado no momento de redigir as matérias, mas que o jornal não pode “embarcar em todo tipo de linguagem politicamente correta, tem que haver um bom senso” (Editor 3, 2005)

## 5 Considerações Finais

Como se pôde verificar na pesquisa desenvolvida, a temática da Aids ganha relevância na mídia muito mais de uma forma reativa, de acordo com as classificações de Nelson Traquina, do que pró-ativa. Ou seja, o assunto passa a integrar a pauta dos jornais diários somente a partir do momento em que um acontecimento externo ganha relevância seja através de alguma campanha de esclarecimento pontual, alguma novidade sobre a doença, as comemorações do Dia Mundial de Combate à aids ou a divulgação de novos números sobre a epidemia.

No caso da imprensa de Londrina, o assunto não tem conquistado uma importância significativa como temática de saúde pública e de importância social, fora em momentos peculiares como no 1 de dezembro – Dia Internacional de Luta Contra a aids e no período do Carnaval. São, no geral, matérias classificadas como “hard news”, ou seja, factuais, cuja fonte, na maioria das vezes, é da área biomédica e tendo como enfoque a prevenção.

Em relação à produção, evidencia-se por meio das entrevistas com os editores que esta, orienta-se pelo fator tempo, que rege as redações, dificultando a interpretação dos fatos e dando predomínio ao caráter informativo. Na cobertura diária, fica evidente a orientação dos editores de redigir o texto de forma ética. No tocante às fontes, há

<sup>9</sup>A identidade da repórter será preservada.

dificuldades, apontadas no contato e fluxo de informações com as ONGs/aids.

A Folha de Londrina aborda a problemática da aids quando esta se encontra inserida em acontecimentos factuais. Há ausência de soropositivos, pessoas que convivem com a aids ou amigos ou familiares dos portadores da doença, deixando de lado, assim, o caráter humano da cobertura. O fator tempo detremina a busca pelas fontes.

Com relação ao conteúdo do Jornal de Londrina, o tema aids também está relacionado a acontecimentos factuais. As matérias essencialmente informativas têm enfoques apenas indicativos, sem a identificação de argumentos analíticos ou interpretativos. As fontes relacionadas nas matérias estão ligadas, majoritariamente, à área médica. Entretanto, conclui-se, através das entrevistas, que os jornalistas não atentam para o fato do predomínio de fontes das áreas biomédicas, mas há pré-disposição para refletir sobre isso, a partir da abordagem da questão.

Outro fato que deve ser ressaltado é a diferença no formato on line dos dois jornais. Na Folha de Londrina, segundo os editores entrevistados e o técnico do departamento de informática do jornal à época da pesquisa, todas as matérias publicadas no formato impresso também são veiculadas na internet sem reedição.

Por outro lado, no Jornal de Londrina, a repórter entrevistada afirmou que nem todas as notícias publicadas no jornal impresso são veiculadas na internet. Segundo editor-chefe do veículo à época da pesquisa, eram os próprios diagramadores que publicavam as matérias na versão on line do jornal, e “é tudo meio por acaso” (Editor 3, 2005).

Deve-se ressaltar que, apesar de teoricamente o texto impresso ser veiculado na íntegra no formato on line, podem ocorrer mudanças de sentido nessa transposição. Ressaltamos, então, a importância do cuidado com a informação, para que ela seja publicada, corretamente, nos diferentes meios. Conclui-se, ainda, que a transposição do conteúdo impresso para o on line, sem os devidos cuidados, pode acarretar em mudança de sentido e interpretações, que não as desejadas, sobre as matérias.

## Referências

- CASTRO, P. C. A enunciação midiática da sexualidade a partir da AIDS: os discurso de Veja e Isto É nas décadas de 1980 e 1990. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., 2005. *Anais...* Disponível em <<http://repositorio.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/17905/1/R0792-1.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2006.
- BARBOSA, R. H. S. AIDS, gênero e reprodução. *Revista de Estudos Feministas. Universidade Federal do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, v..1, n. 2, p. 418-423, 1993.
- BORELLI, V. Jornalismo como atividade produtora de sentidos. Disponível em: <<http://bocc.unisinos.br/pag/borelli-viviane-jornalismo-atividade-sentidos.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2006.
- EDITOR 1. Entrevista concedida aos integrantes do projeto em junho de 2005.
- EDITOR 2. Entrevista concedida aos integrantes do projeto em junho de 2005.
- EDITOR 3. Entrevista concedida aos integrantes do projeto em junho de 2005.
- FAUSTO NETO, A. *Comunicação e mídia impressa: estudos sobre a AIDS*. São Paulo: Hacker, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Mortes em derrapagens: os casos Corona e Cazuza no discurso da comunicação de massa*. Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora, 1989.
- FERREIRA, J. Estratégias, mercados e rotinas de produção discursiva das ONGs na WEB. In: *Revista Contemporânea*, v. 2, n. 1, p.69-91, jun./jul. 2004. Disponível em: <http://www.contemporanea.poscom.ufba.br/pdfazuljun04/artigo%203jun04jairo.pdf>, Acesso em: 24 fev. 2006.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 17 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2002.
- GUIA AIDS E IMPRENSA. Rio de Janeiro: Grupo Pela Vida, 2001.
- KUNSCH, M. M. K. Planejamento de relações públicas na comunicação integrada. São Paulo: Summus, 2001.
- NATANSOHN, G. Comunicação & saúde: interfaces e diálogos possíveis. *Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación*, v. 6, n. 2, maio/ago. 2004. Disponível em: <[www.eptic.com.br](http://www.eptic.com.br)>. Acesso em: 24 fev. 2006.
- PITTA, A. M. da R. Estratégias de comunicação para prevenção da AIDS: estudo de caso em Salvador, Bahia. In: *Interface*. Disponível em: <http://www.interface.org.br/revista2/ensaio2.pdf>>. Acesso em: 24 fev. 2006.
- REPÓRTER 1. Entrevista concedida aos integrantes do projeto em junho de 2005.
- REPÓRTER 2. Entrevista concedida aos integrantes do projeto em junho de 2005.
- ROSSI, L. (Org.). *Guia de prevenção das DST/AIDS e cidadania para homossexuais*. Brasília: Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde, Coordenação Nacional de DST e Aids, 2003.
- SANTOS, L. R. dos. Notícias: Aids na Folha de Londrina. Monografia (Trabalho de Conclusão de curso em Ciências Sociais) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 1994.
- SPINK, M. J. P. et al. A construção da AIDS - notícia. In: *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 4, p. 851-862, jul./ago. 2001.
- THIOLLENT, M. *Crítica metodológica, investigação social e enquête operária*. São Paulo: Polis, 1982.
- TRAQUINA, N. A problemática AIDS: acontecimentos, notícias e 'estórias'. In: \_\_\_\_\_. *O estudo do jornalismo no século XX*. Porto Alegre: UNISINOS, 2001.

---

**Karen Debértolis\***

Doutoranda em Ciências Sociais pela Universidade de Campinas (UNICAMP). Docente do curso de Jornalismo da Universidade Norte do Paraná (UNOPAR) e da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

e-mail: <kd@sercomtel.com.br>

\* Endereço para correspondência:

Rua Belize, 21 - Cep. 86050-200 - Londrina, Paraná, Brasil.

---

